
A PIXAÇÃO DOS JOVENS NO CONJUNTO TAQUARIL

RESUMO

Este artigo propõe investigar o fenômeno da pixação e sua relação com a juventude que reside no Conjunto Taquaril, localizado na periferia da cidade de Belo Horizonte. Durante a pesquisa de campo, foi possível identificar e perceber as relações estabelecidas entre os jovens, a constituição de identidades, a demarcação territorial e, por último, a transgressão da lei através de relatos da juventude local e de moradores da comunidade. De acordo com as entrevistas realizadas, a implantação de programas sociais pode minimizar os efeitos dessa prática na juventude. Foram investigadas duas áreas da comunidade denominadas Taquaril A e B: a quantidade de pixações, o estilo da letra utilizada nas mesmas e a apropriação do espaço público entre os jovens, objetivando a obtenção de fama e reconhecimento social.

Palavras chave: Pixação. Identidade. Território e transgressão da lei.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo discute a relação entre as características socioeconômicas da população que vive no denominado Conjunto Taquaril² e a prática de pixação³ realizada por jovens residentes nesse conjunto. Este aglomerado está localizado na região leste de Belo Horizonte, em uma área que pertencia à Companhia de Desenvolvimento Urbano de Minas Gerais (CODEURB) – que passou a ser ocupada em 1981. Após seis anos, a prefeitura de Belo Horizonte procedeu a regularização dos terrenos e iniciou a implantação de serviços públicos básicos, tais como: redes de água, saneamento, escolas públicas e postos de saúde. Contudo, com o decorrer dos anos, a região sofreu uma expansão desordenada, principalmente nas áreas não edificadas, como margens de córregos, áreas verdes e locais considerados de risco geológico eminente. De acordo com os dados

1 Especialista em Gestão Social pela Escola de Governo da Fundação João Pinheiro e mestre em Sociologia pela Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: flaviasoares@waymail.com.br

2 Bairro situado no extremo leste de Belo Horizonte/MG e área limítrofe com o município de Sabará.

3 Segundo Pereira (2005, p. 9), “[...] a pixação com x, expressaria o modo com que se apropriam da cidade, que não teria relação com os significados apontados pelo dicionário *Aurélio* para o verbo pichar [...]”.

do censo demográfico de 2000, a área possui em torno de 12.306 habitantes e apresenta o pior índice de qualidade de vida dentre os principais aglomerados de Belo Horizonte, conforme observado na tabela 1. (ANDRADE; PEIXOTO; AZEVEDO, 2007)

Tabela 1: Condições socioeconômicas dos principais aglomerados de Belo Horizonte

Variáveis	BH sem favelas	Morro das Pedras	Cabana de Pai Tomás	Pedreira Prado Lopes	Alto Vera Cruz	Taquaril	Conjunto Felicidade	Ribeiro de Abreu
P. casa	0.668	0.931	0.947	0.916	0.941	0.948	0.926	0.899
P. apartamento.	0.319	0.053	0.014	0.037	0.004	0.042	0.023	0.078
P. comodo	0.013	0.016	0.039	0.047	0.055	0.010	0.052	0.023
P. abast. água	0.992	0.989	0.995	0.993	0.992	0.982	0.994	0.990
P. esgoto	0.932	0.920	0.969	0.976	0.880	0.567	0.870	0.825
P. banheiros	0.985	0.938	0.954	0.949	0.947	0.909	0.971	0.971
P. coleta lixo	0.987	0.943	1.000	0.997	0.991	0.834	0.994	0.931
P. 1 residente	0.116	0.092	0.098	0.113	0.100	0.081	0.046	0.073
P. 2 residentes	0.193	0.148	0.156	0.147	0.153	0.130	0.117	0.140
P. 3 residentes	0.223	0.191	0.220	0.181	0.201	0.191	0.190	0.218
P.4 residentes	0.232	0.224	0.216	0.203	0.217	0.214	0.234	0.231
P.5 residentes	0.137	0.145	0.139	0.151	0.151	0.174	0.185	0.171
P.mais de 6 residentes.	0.098	0.200	0.171	0.205	0.178	0.210	0.228	0.167
P.alfabetizados	0.943	0.846	0.848	0.865	0.854	0.834	0.882	0.882
P.alfab. de 15 a 29 anos	0.988	0.966	0.975	0.970	0.975	0.958	0.978	0.979
P. de homem	0.467	0.480	0.484	0.471	0.480	0.489	0.489	0.488
P. até 9 anos	0.142	0.213	0.206	0.197	0.210	0.239	0.194	0.202
P. de 10 a 14anos	0.079	0.105	0.097	0.104	0.100	0.129	0.113	0.104
P. de 15 a 19anos	0.095	0.114	0.107	0.109	0.108	0.120	0.140	0.116
P. de 20 a 24 anos	0.101	0.116	0.112	0.108	0.104	0.102	0.117	0.111
P. de 25 a 29anos	0.088	0.082	0.089	0.088	0.092	0.072	0.082	0.084
P. de 30 anos ou mais	0.494	0.370	0.388	0.395	0.387	0.337	0.353	0.382
P. sem renda	0.061	0.117	0.123	0.113	0.132	0.179	0.098	0.110
P. renda até 1 salário	0.094	0.247	0.248	0.305	0.243	0.233	0.211	0.181
P.renda – 1 a 3 salários	0.242	0.441	0.453	0.408	0.413	0.466	0.482	0.419
P.renda – 3 a 5 salários	0.152	0.100	0.116	0.106	0.120	0.087	0.140	0.165
P.renda– 5 a 10 salários	0.207	0.046	0.053	0.056	0.075	0.030	0.060	0.104
P.renda–mais de 10 sal.	0.244	0.049	0.008	0.012	0.017	0.005	0.009	0.022

Fonte: Andrade, Peixoto e Azevedo (2008).

*P. significa *proporção*. O primeiro conjunto de variáveis se refere à proporção de domicílios, o segundo conjunto, à proporção de residentes e o terceiro conjunto, à proporção de responsáveis pelo domicílio. (ANDRADE; PEIXOTO; AZEVEDO, 2008; IBGE, 2001)

Também é possível constatar, nessa mesma tabela, que o percentual de jovens, no Conjunto Taquaril, com idade de 10 a 19 anos, representa uma das maiores populações, se comparadas aos demais aglomerados de Belo Horizonte. Os dados coligidos demonstram que o maior percentual de pessoas sem renda financeira também é predominante nessa área. (ANDRADE, PEIXOTO; AZEVEDO, 2008) Os outros índices de renda continuam baixos e não influenciam positivamente para uma melhoria significativa na qualidade de vida da região.

Tomando como perspectiva que os grupos de jovens pixadores – em potencial – se formam nas periferias das cidades, com a finalidade de tecer redes de sociabilidade (PEREIRA, 2005), é de fundamental importância investigar o discurso dos jovens em tal prática, além de mapear os aspectos sociais e econômicos relacionados ao indivíduo e ao espaço em que habita, para então se entender o processo de constituição de identidades.

O interesse em abordar o fenômeno da pixação foi suscitado pelo curso de gestores realizado pelo CRISP – Centro de Estudos em Criminalidade e Segurança Pública – no Núcleo de Prevenção à Criminalidade do Conjunto Taquaril⁴, em 2009. O curso era dividido em dez encontros sendo que, nos dois últimos, as lideranças comunitárias e os jovens formulavam o plano local de prevenção à criminalidade. Dentro desse plano, uma das ações propostas foi a intervenção nos grupos de pixadores, uma vez que a pixação estava provocando conflitos entre os jovens de regiões distintas da comunidade. Foi constatado entre os grupos de pixadores, ocorrência de tentativas de homicídios decorrentes de uma “rasura”⁵, realizada por um grupo rival. O CRISP então optou por intervir no Conjunto Taquaril por se tratar de área com alto índice de criminalidade violenta em Belo Horizonte. (BEATO, 2012) O Fica Vivo! – Programa de Controle de Homicídios – implantou oficinas de comunicação, grafite, axé e mobilização sociocultural, visando atender os jovens pixadores e, posteriormente, estabelecer uma aproximação com eles.

Dessa forma, o grupo de gestores desenvolveu o projeto Praça Viva, Cidadania Ativa com a finalidade de revitalizar a Praça Che Guevara. Com a aproximação dos jovens na oficina, foi possível contar com a presença dos pixadores no dia do evento. Os jovens elaboraram um material de intervenção na saúde, educação e instituições locais com o intuito de conscientizar a comunidade acerca da preservação dos espaços comunitários. Os participantes da oficina de grafite construíram moldes de desenhos que seriam estampados na praça. A oficina de comunicação editou um documentário que registrou o movimen-

4 O Núcleo de Prevenção à Criminalidade é composto pelos programas Fica Vivo! e Mediação de Conflitos.

5 “Rasura” significa um nome pixado em cima de outro já pixado.

to das instituições, dos jovens e dos representantes da comunidade para alcançar com êxito o objetivo do projeto. A oficina de axé consolidou uma coreografia para que os jovens pudessem apresentar no dia da revitalização da praça. O registro dessas ações e a participação dos jovens nas oficinas promoveu o reconhecimento dos pixadores em outras práticas para além da pixação. O grupo de gestores ressaltava a importância de envolver os pixadores na revitalização deste espaço, pois os pixos representavam um aspecto de “sujeira na comunidade” e “provocava conflitos entre os jovens”. (SOARES, 2010)

No dia destinado à revitalização foi possível perceber a presença de grupos de territórios diferentes, que se encontraram para reconstruir a praça. A circulação de jovens vindos de regiões distintas da comunidade foi essencial para intervir nos conflitos entre os grupos, uma vez que o principal objetivo era a construção de um espaço a ser utilizado por toda a comunidade. Este momento marcou o cotidiano dos grupos de pixadores, observando entre eles o abandono das práticas violentas e dos conflitos para a participação nas atividades.

Para avaliar a intervenção, foi realizado um encontro com os participantes das oficinas, no qual um dos jovens relatou a dificuldade em “segurar os dedos” para não pixar a praça revitalizada. A partir desta intervenção proposta pelo grupo de gestores, pôde-se verificar que os jovens participantes das oficinas e do projeto não pixaram a praça revitalizada.

Sendo assim, quais seriam as intervenções possíveis na prática de pixação? Existiria uma relação estabelecida entre os grupos de pixadores e a constituição de identidades? Como se dá a demarcação territorial? Qual a relação entre estes jovens e a transgressão? O conhecimento acerca do fenômeno da pixação na comunidade investigada favorece a compreensão da dinâmica social do local, possibilitando a implantação de programas e projetos sociais que melhorem a qualidade de vida dos habitantes e, conseqüentemente, permite intervir nas causas deste fenômeno no Conjunto Taquaril.

A metodologia adotada para esta investigação partiu de uma revisão bibliográfica que contemplou os temas relacionados à pixação, identidade, território e transgressão. Para obter maiores informações, a pesquisa documental nas instituições localizadas na região foi fundamental para conhecer a história do bairro e o movimento da juventude, no que diz respeito às formações de grupos. As entrevistas semiestruturadas, realizadas entre o período de julho a outubro de 2009, contemplou seis jovens pertencentes ao grupo Possuídos pela Arte Maligna (PAM) localizado no Taquaril A e seis jovens pertencentes ao grupo Bonde dos Jacarés (BDJ) localizado no Taquaril B, abordando características da pixação e da juventude, além da relação dessa última com a comunidade, o que possibilitou colher dados relacionados aos grupos investigados. A escolha dos entrevistados

foi feita a partir dos jovens que participavam das oficinas oferecidas pelo Programa Fica Vivo!, no Taquaril A e B e que possuíam como principal característica a prática de pixação. Além dos jovens entrevistados, realizou-se um levantamento de líderes comunitários que conheciam os pixadores e possuíam um vínculo estabelecido com eles, expressando a relação da juventude com a pixação. Realizaram-se seis entrevistas semiestruturadas com moradores do Conjunto Taquaril A e mais seis entrevistas semiestruturadas com os moradores do Taquaril B.

2 IDENTIDADES

O fato de se estudar a prática da pixação no Conjunto Taquaril ajuda no entendimento da formação das identidades dos jovens, a partir da “leitura” e do “olhar interpretativo” dos pixos. Estabelecer uma conexão entre as características sociais e econômicas do local de moradia dos jovens e a pixação é importante para se compreender esta prática realizada pelos moradores do aglomerado e pela juventude localizada nas periferias das grandes cidades. Durante a pesquisa, foi possível verificar que, devido ao processo de ocupação, os jovens se agrupam de acordo com a separação territorial. A BHTrans⁶ dividiu as linhas de ônibus, concomitantemente ao processo de ocupação, para atender ao Taquaril A, B e R, sendo esta última uma denominação incorporada pela própria comunidade. Na pesquisa, foi possível observar uma variedade de grupos envolvidos com a criminalidade local, porém, uma vez que o escopo do trabalho era investigar apenas aqueles ligados à pixação, optou-se por entrevistar jovens dos grupos chamados BDJ (Bonde dos Jacarés) e PAM (Possuídos pela Arte Maligna), pois seu objetivo definido era o ato de pixar.

A baixa renda e a segregação espacial observados no Conjunto Taquaril, aliados à sociedade de consumo – evidenciada principalmente nos grandes centros urbanos – propiciam o desenvolvimento do estigma e do preconceito imposto àquela região. Para Goffman (1975), os indivíduos se identificam pela formação de grupos, encontrando nesta categoria uma forma para se expressarem e reconhecerem enquanto pertencentes a uma determinada sociedade. Através do estigma, o indivíduo vivencia o próprio esmagamento pela sociedade sem ter consciência da sua condição de sujeito. Segundo o relato de um morador do Conjunto Taquaril:

[...] se a gente for parar pra analisar a fundo, o que motiva um jovem a se tornar pixador – eu bato muito na tecla de que o que favorece a intenção do jovem em

6 Empresa de Transporte e Trânsito de Belo Horizonte/MG.

grupo de pixação, até mesmo a desenvolver essa prática – é questão de afirmação. De uma forma ou de outra eu preciso mostrar que eu existo, né? Igual, eu consegui afirmar o meu potencial no meio social, né? Todo mundo, todo mundo, procura o seu lugar ao sol.

Hall (2006) ressalta que o sujeito sociológico demonstra uma necessidade de interação entre o indivíduo e a sociedade, na qual a essência interior do sujeito se forma a partir das relações estabelecidas com o mundo exterior e as identidades que este mundo lhe oferece. Essa identidade preenche uma lacuna entre o mundo pessoal e o mundo público, suturando o sujeito à estrutura, tornando ambos unificados. O processo de constituição de identidades fortalece as identidades locais e a produção de novas identidades. Na pesquisa realizada com os jovens e os moradores do Conjunto Taquaril, eles descrevem o espaço de moradia como uma favela. Gomes (2003) destaca que a favela possui características marcantes, como a pobreza e a desorganização social. Estas características são fundamentais para se indagar o espaço do aglomerado na cidade e também considerar as formas de controle e coerção social como precárias e ineficientes. Para o autor, a favela e a cidade são dotadas de uma ruptura total que se divide entre a cidade formal e informal, “cada qual com sua moral, seus costumes e seus valores”. (GOMES, 2003, p.173) A falta de políticas públicas, de programas ou projetos sociais para oferecer aos jovens outras formas de constituição de identidades, fomenta a inserção deles na prática de pixação, na medida em que o fácil acesso à ilegalidade é uma característica fundamental dos espaços onde vivem. (BEATO, 2012) Coura (2009) destaca que os jovens dos aglomerados carregam em si mesmos a periferia nos espaços em que circulam, vivenciando os imperativos simbólicos da segregação urbana através da introjeção do estigma. Segundo o relato de um morador do bairro:

[...] pelo contexto social do Taquaril A, os meninos da PAM... até meio irônico o que eu vou falar, mas foi uma ação assim... Eu vou ter um olhar mais cuidadoso, foi uma ação política que eu acredito que eles tiveram aqui no Taquaril. O que eu estou definindo como uma ação política? [É] aquela ação de falar assim: pô, o Taquaril A existe, ou seja, se não for possível da gente ter esse reconhecimento de forma passiva, de forma tranquila, [se] as pessoas [não] conseguirem nos enxergar como moradores, como pessoas que participam ativamente da vida da comunidade, a gente vai tentar fazer esse caminho de forma controversa do que a sociedade espera. Então, assim [é o modo] que eu compreendo. A PAM surgiu mais para dar um sinal de fogo, sinal de fumaça. Estamos aqui, existimos. E hoje a PAM é o grupo mais... com mais membros dentro da comunidade.

A relação existente entre a formação de grupos de jovens para a prática da pixação e o processo de constituição de identidades se caracteriza pelo estilo de vida destes jovens com assinaturas elaboradas e uma preocupação estética com o seu próprio *tag*⁷ e do grupo do qual será pixado nos muros da cidade. Pennachin (2003) estabelece uma conexão entre os grafismos urbanos e a produção da identidade, afirmando que o pixo é uma das maneiras pelos quais os jovens se tornam visíveis socialmente, superando a sensação de despertencimento ao meio em que vivem. Ela observa que os pixadores se expressam através dos rabiscos dos muros como forma de transformar as ruas em uma extensão da sua individualidade, criando identidades e participando da vida na cidade. Cada pixador cria um *nick* ou *signature*, ou seja, um código para reforçar sua singularidade e estabelecer uma marca que o diferencia e, ao mesmo tempo, o identifica perante a sociedade.

As investigações de Souza (2007) acerca dos traços característicos de jovens pixadores na cidade do Rio de Janeiro revelou que os pixos devem ser pequenos (de três a quatro letras) em função da rapidez exigida pela prática. A escolha do rabisco se deve à facilidade que os jovens possuem para estilizá-las, adotando uma estética da pixação. Estes estudos demonstraram que a palavra escolhida pelo pixador é a identidade que será reconhecida por outros grupos. Através da pesquisa de campo realizada por Souza (2007), ele destaca outra característica marcante dessa prática: reuniões feitas pelos pixadores – consideradas espaços de prestígio e de interação social – o que provoca o fortalecimento de laços sociais entre os jovens e fomenta o desenvolvimento da prática de pixação nas grandes cidades. Pode-se afirmar que a finalidade da pixação é a obtenção de fama e reconhecimento.

3 TERRITÓRIOS

Dentro do Conjunto Taquaril é possível perceber a demarcação territorial imposta pela juventude do local, ou seja, os membros dos grupos de regiões distintas da comunidade não pixam o local de moradia de outros grupos da mesma comunidade, uma vez que eles relatam o respeito e a demarcação de cada grupo. No contexto da cidade, os jovens ressaltam que possuem liberdade para pixar qualquer região. De acordo com *As marcas da cidade: a dinâmica da pixação⁸ em São Paulo*, “as alianças com outros grupos de pixadores para se fazer um rolê em outras *quebradas* não impede, entretanto, que muitos deles dirijam-se

7 *Tag*, em inglês, significa rótulo.

8 O autor utiliza a expressão pixador com “x” fazendo referência à cultura de rua.

sozinhos a outras regiões da cidade, pois não há uma demarcação de territórios onde um grupo ou outro não possa pixar”. (PEREIRA, 2005, p. 151) Esse autor aponta que não se pode considerar que os pixadores sejam desterritorializados. A partir desse argumento, ele diz que a pixação está relacionada a uma cultura de valorização da periferia, no que tange ao pertencimento e ao reconhecimento destes jovens com o local de moradia. Então, pode-se considerar que a pixação realizada pelos jovens é hiperterritorializada, pois são as relações da periferia que estão sendo postas em prática. Em todo momento, os jovens estão reterritorializando a cidade através das pixações impressas nos muros. Segundo o relato de um pixador do Conjunto Taquaril:

[...] você faz as pessoas verem, chegam e comentam... tem muito respeito, [se] você tem muita pixação, tem respeito. Em festa o camarada chega e fala ‘eu pixo e eu já vi preza sua’. [Eles ficam te] chamando para dar role aqui bairro [e se] você quer ficar conhecido por aqui. Lá onde você presta serviço comunitário tem uns menorzinho que ficam assim ‘Colé, Slim’. Eles ficam tipo seu fãzinho, tipo como se você fosse aqueles ator de novela [...] adrenalina, ibope... Dá uma sensação tão doida... Já fiz uma [pixação] na avenida Amazonas, uma grandona, que no outro dia eu passei lá e tinha um tanto de senhor mais velho olhando impressionado, o tamanho, fico doido. [Eles ficam só] olhando, não fala nada, passa direto, mas você fez alguma coisa que as pessoas prestaram atenção. Você acha que se tivesse só um desenho no vão lá eles iam ficar olhando pro teto? [Mas] quem entende de pixação vê lá no alto [e] pergunta como que o cara subiu? Aí viaja no cara, né? Mas já tem pessoa que não gosta. Tem gente que é doido pra pegar pixador.

Ao estudar etnografia urbana, Magnani (1992) destaca os “pedaços”, as “manchas” e os “trajetos” realizados por membros de grupos que circulam pela cidade. O autor ressalta que “pedaço” é algo formado pelo elemento espacial caracterizado pela rede de relações, tendo o efeito de uma marcação territorial como, por exemplo, um bar, um terreiro, etc. Para ele, “ser do pedaço” implica situar-se em uma rede de relações similar à dos laços familiares, dos vínculos afetivos, da proximidade da moradia, ou da presença nos mesmos espaços, querendo, com isso, dizer que a rede de relações determina a classificação dos indivíduos. Esta noção designa o intermédio entre o espaço público e o privado.⁹ O “pedaço” determina uma rede ampla em que os vínculos familiares são significativos em decorrência das relações formais impostas pela sociedade. Dessa forma, “pertencer ao pedaço significa também poder ser reconhecido em qualquer

9 Para Bignoto (2002), o espaço público é considerado como uma possibilidade de construir um objetivo comum para a sociedade. Já o espaço privado se refere a uma definição de privação em que o indivíduo é destituído das características essenciais da vida humana. (BIGNOTO, 2002, p. 286)

circunstância, o que implica o cumprimento de determinadas regras de lealdade que até mesmo os ‘bandidos’ da vila, de alguma forma, acatam”. (MAGNANI, 1992, p.192) Este contexto possibilita verificar que a circulação de jovens nas regiões a que não “pertencem” provoca um sentimento de hostilidade por parte de outros grupos, podendo, inclusive, significar que o desconhecido naquele local pode se colocar em perigo.

A exposição desse autor contempla que os “pedaços” são disseminados pela cidade e possibilitam a formação de “manchas” pelos jovens. A circulação de jovens nos espaços através dos “trajetos” caracteriza uma aglutinação em torno dos estabelecimentos com uma implantação estável na paisagem e no imaginário. Essas aglutinações são denominadas “manchas”. Este termo remete à identificação dos indivíduos pelas áreas, ou seja, “uma *mancha* é recortada por *trajetos* e pode abrigar vários *pedaços*”. (MAGNANI, 1992, p. 195) Estas “manchas” são equipamentos que propiciam pontos de referência entre os jovens, resultando no estabelecimento de relações e transformando o lugar em um encontro entre os usuários.

Segundo o autor, o “trajeto” representa um sistema de compatibilidade. Este conceito fornece aos jovens a possibilidade de escolhas com a finalidade de se identificarem com as “manchas” e pertencerem a “pedaços”, provocando a circulação de pessoas no espaço urbano. (MAGNANI, 1992, p.196) É importante destacar que o autor considera a “mancha” enquanto uma delimitação de “trajetos”, observando a presença de “pedaços”. O relato de um jovem demonstra as marcas da pixação na cidade: “*não é só no Taquaril, tem muita pixação minha por aí. Muita pixação no Centro, no Oiapoque*”.

Durante a pesquisa de campo, foi possível compreender como os “pedaços”, as “manchas” e os “trajetos” possuem relação direta com os pixos. Os jovens dos grupos PAM e BDJ mostraram as pixações que estavam localizadas pela cidade. É importante destacar que os jovens pixam aqueles locais em que a comunidade possa reconhecê-los. Ou seja, os jovens deixam suas marcas nos trajetos feitos pelas linhas de ônibus até o centro da cidade, caminho realizado pelos moradores do bairro. Um morador comenta:

Eu percebo fora do bairro, não é só no bairro, no centro da cidade, a gente consegue perceber, mas sempre em locais estratégicos no sentido de que alguém do bairro vai passar por esse local e vai ver, ou que seja o caminho do ônibus, ou que seja um ponto de ônibus, essas plaquinhas. [Se] estou sentado no Parque Municipal lá tem um PAM pequenininho escrito, rabiscado ou com corretivo, e eles vão para fora sim.

4 TRANSGRESSÃO

Os moradores do Conjunto Taquaril intitulam os pixadores como vândalos e relatam que eles possuem uma tendência para se inserirem no “mundo do crime”, como o tráfico de drogas. Neste artigo, considera-se importante utilizar o conceito de transgressão. Ao invés da noção de vandalismo e crime, a transgressão possui um caráter de “valorização desta ideia e de certa postura marginal, que está presente em diversos momentos de seu cotidiano e não apenas no ato de pixação”. (PEREIRA, 2005, p. 152) Segundo o relato de um morador do Conjunto Taquaril:

[os jovens do PAM] não são temidos por ações de amedrontar a comunidade: eles são odiados! Talvez use essa palavra pela ação deles. Quando as pessoas moram na comunidade (e moram há mais tempo) existe um vínculo criado com essa comunidade. Tenho comigo uma revolta em relação a isso, até mesmo porque a minha casa é pixada. A relação que eu tenho é de incômodo, porque o problema maior não é a minha casa. [A pixação] não está ligada à minha casa, ela está ligada a um contexto maior. Então, o meu incômodo com relação a eles é esta ação num contexto geral. Eu me preocupo com o Taquaril, porque é o local que eu moro desde quando eu tinha 7 anos de idade, e eu vim criando vínculos com o bairro.

Becker (1928) utilizou o termo *outsiders* para descrever aqueles que estão envolvidos em ações coletivas consideradas como erradas. Os grupos sociais tecem as regras de como os indivíduos devem constituir suas vidas e determinam o modo de imposição entre as ações certas e erradas. Assim, “quando uma regra é imposta, a pessoa que presumivelmente a infringiu pode ser vista como um tipo especial, alguém de quem não se espera viver de acordo com as regras estipuladas pelo grupo. Essa pessoa é encarada como *outsider*”. (BECKER, 1928, p. 15) Para o autor, os *outsiders* podem ser considerados como desviantes, principalmente, das regras sociais impostas.

O desvio possui várias concepções. Em primeiro lugar, um comportamento só pode ser considerado como desviante através da estatística, ou seja, aquilo que varia em relação à média. Outra concepção é aquela em que o desvio é considerado como patológico, uma doença. Os sociólogos rotulam os desviantes como “sintomas de desorganização social” (BECKER, 1928, p. 20), ou como falhas em obedecer às regras do grupo dominante. Becker considera que o desvio é criado pela sociedade. Sendo assim, neste caso, o desvio não é uma qualidade do comportamento, mas uma interação entre o pixador, por exemplo, e aqueles que reagem contra ele. Deste modo, os indivíduos constituem identidades através do desvio como uma maneira de viver. O autor expressa que “o indivíduo

aprende, em suma, a participar de uma subcultura organizada em torno da atividade desviante particular”. (BECKER, 1928, p. 41)

Em um contexto social, os pixadores são rotulados pela sociedade provocando uma identificação com o ato e com a postura de desviante, ou indesejável, para conviver entre os “normais”. Assim, Becker expõe que o jovem “é identificado como desviante, antes que outras identificações sejam feitas”. (BECKER, 1928, p. 44) O desvio para estes grupos de pixadores se transformam em algo dominante para reger a vida de cada um dos participantes. Após a pesquisa realizada com os grupos de jovens do Conjunto Taquaril, verificou-se que eles se identificam como pixadores que fazem parte de um grupo desviante organizado, o que provoca um impacto sobre a sua própria concepção de indivíduo, já que eles se misturam com a identidade do grupo. É nesse sentido que Becker (1928) ressalta a formalização de uma cultura desviante, conjunto de atividades rotineiras com um mesmo propósito. Assim, “o pertencimento a um grupo desse tipo solidifica a identidade desviante” (BECKER, 1928, p. 48), contendo um repúdio às regras morais do mundo convencional. Um morador do Conjunto Taquaril demonstra de maneira clara como os pixadores se organizam em torno da transgressão:

Já teve caso de guerra por causa da pixação, mas não chegou a levar à morte. Mas troca de tiro, menino tomar surra, [isso] já. E ameaça. Recentemente, com esse movimento da praça, alguns traficantes chegaram a anunciar que ia pixar essa parte e que ia tomar. Foram ameaças indiretas, mas meio que não inibiu, não.

Outro estudo interessante concretizado por Elias e Scotson (2000) foi demonstrado em seu livro *Os estabelecidos e os Outsiders*. A pesquisa de campo realizada pelo autor em uma cidade denominada Winston Parva no final dos anos 1950, ressalta aspectos como violência, discriminação e exclusão social, termos concebidos, também, para os pixadores. Nesta cidade, havia o grupo estabelecido e o grupo *outsider* – que ocupou a cidade num período posterior. O grupo estabelecido era dotado por uma posição de virtude humana superior que eles mesmos se atribuíam. Conforme exposto:

[...] um grupo tem um índice de coesão mais alto do que o outro e essa integração diferencial contribui substancialmente para seu excedente de poder; sua maior coesão permite que esse grupo reserve para seus membros as posições sociais com potencial de poder mais elevado e de outro tipo, o que vem reforçar sua coesão, e excluir dessas posições os membros dos outros grupos – o que constitui, essencialmente, o que se pretende dizer ao falar de uma figuração estabelecidos-outsiders (ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 22)

A conexão entre os estabelecidos (sociedade e suas regras de uma forma geral) e os *outsiders* provoca uma concepção de que o próprio grupo dominante concebe os *outsiders* em uma posição de inferioridade e desonra. Estes conceitos provocam aos estigmatizados um efeito paralisante. Elias e Scotson (2000) ressaltam que o rebaixamento de grupos na ordem hierárquica reduz a capacidade de competição pelo poder e *status*, colocando-os em uma posição de estigmatizados. As análises dos grupos estabelecidos e *outsiders* em Winston Parva demonstram, claramente, de que maneira os indivíduos devem seguir uma obediência grupal. Segundo o autor, “a punição pelo desvio do grupo ou, às vezes, até pela suspeita de desvio, é perda de poder, acompanhada de rebaixamento de status”. (ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 40) Na pesquisa de campo realizada no Conjunto Taquaril, por ser aquele o espaço de moradia dos jovens, fica claro como os indivíduos moradores da periferia de uma grande metrópole procuram um *status* à sua maneira, neste caso, através das assinaturas estampadas nos muros das cidades, podendo ser considerado como um contra-ataque daqueles dominados pelas regras sociais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das considerações realizadas neste artigo é possível perceber que a maior predominância de pixos na comunidade advém do grupo PAM – Possuídos pela Arte Maligna. Conforme exposto, este grupo está situado no Taquaril A, que até o ano de 2009 não possuía programas e projetos sociais para atender a comunidade, principalmente a juventude. O grupo BDJ – Bonde dos Jacarés – está localizado no Taquaril B, local onde se concentrava uma série de intervenções, como o Programa Mediações de Conflitos, Programa Fica Vivo!, Instituto Planetários, Projeto Providência, Associação Shekinah, igrejas, escolas e postos de saúde. Como as políticas sociais são implantadas, em sua maioria, no Taquaril B – por constituir uma infraestrutura adequada para a implantação das instituições – os moradores do Taquaril A não possuem acesso aos dispositivos públicos, influenciando na maneira como é constituída a juventude naquele local. De acordo com as observações realizadas na pesquisa de campo, os jovens entrevistados e os moradores do Taquaril A não concluíram o ensino médio e possuíam dificuldades para se inserirem no mercado de trabalho em detrimento da falta de oportunidades ocasionadas pela região. Os jovens entrevistados do Taquaril B estavam estudando, alguns haviam concluído o ensino médio em função da proximidade com a escola e já estavam trabalhando ou possuíam ex-

periência profissional. No entanto, cabe ressaltar que os jovens do Taquaril B possuíam outras atividades diferentes da pixação, o que minimizava esta prática na comunidade e na cidade. Um jovem do grupo BDJ relata:

[...] eu acho, tipo assim, que a gente ficou tipo famoso assim porque nós tinha nosso grupo e todo mundo trabalhava, aí nós num parava no Taquaril, nosso negócio era só sair pra fora, ou então de vez em quando fazia uma festinha, mas, tipo assim, só nós e num chamava ninguém. Por exemplo, tinha uns colega, mas envolvia só a gente mesmo.

O contexto citado provoca um sentimento de impotência por parte dos moradores do Taquaril A, dificultando a relação com a juventude local. As percepções durante a pesquisa de campo demonstram que a pixação é uma forma de manifestação social, verificada a partir da atuação dos jovens em busca pelo direito ao espaço. Como o Conjunto Taquaril está situado em uma área limítrofe com o município de Sabará, esta situação impossibilita o acesso de muitos jovens às ofertas da cidade. Eles buscam o reconhecimento social e a visibilidade, ressignificando a metrópole pela cultura popular. O muro seria o único espaço que não exclui ideias e nomes. A pixação, como uma manifestação marginalizada, é absorvida pela própria sociedade que a exclui. Os jovens provocam a sociedade pixando os muros de suas residências, patrimônios públicos, comércio entre outros e, dessa forma, são reconhecidos (mesmo como vândalos), tornando-se foco da percepção.

TYPICAL GRAFFITI YOUTH IN CONJUNTO TAQUARIL

Abstract

This paper seeks to investigate the phenomenon of wall spraying and how it is related to the young people who dwell in Conjunto Taquaril, a neighborhood located on the east side of Belo Horizonte. During the fieldwork, it was possible to see the linkages between young people and their constitution of identities, as well as territorial demarcation and lawlessness. The results of the interviews show that the social programs which have been implemented can minimize the effects of youth wall spraying, since the offer of opportunities highlights that young people have improved their social and economic conditions. Two areas of the community were investigated, being these areas called Taquaril A and B. The following aspects were analyzed: tags, the style of the letter and the appropriation of public space among young people who aim to achieve fame and social recognition.

Keywords: Tag. Identity. Territory. Lawlessness and social program.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Mônica Viegas; PEIXOTO, Betânia Totino; AZEVEDO, João Pedro. *Prevenção e controle de homicídios: uma avaliação de impacto no Brasil*. Belo Horizonte: UFMG/Cedeplar, 2008.
- BEATO, C. *Crime e cidades*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012. 291p.
- BECKER, H. S. *Outsiders: estudos de sociologia do desvio*. Rio de Janeiro: Zahar, 1928.
- BIGNOTTO, N. Entre o público e o privado: aspectos do debate ético contemporâneo. In: DOMINGUES, I. et al. *Ética, política e cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.
- COURA, C. A. P. *Juventude e segregação urbana em Belo Horizonte: um estudo de trajetórias e representações sociais no Conjunto Taquaril*. 2009. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - PUC-MINAS, Belo Horizonte, 2009.
- ELIAS, N.; SCOTSON, J. L. *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000. 224 p.
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. 102 p.
- GOFFMAN, E. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.
- GOMES, P. C. Estranhos vizinhos: o lugar da favela nas cidades brasileiras. *Anuário Americanista Europeo*, v. 1, n. 1, p. 171-178, 2003.
- IBGE. *Censo demográfico 2000: características da população e dos domicílios: resultados do universo*. Rio de Janeiro, 2001. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/>>. Acesso em: 16 mar. 2014.
- MAGNANI, J. G. C. Da periferia ao centro: pedaços e trajetos. *Revista de Antropologia*, v. 35, p. 191-203, 1992.
- PEIXOTO, Mônica. et al. *Prevenção e controle de homicídios: uma avaliação de impacto no Brasil*. Belo Horizonte: UFMG/Cedeplar, 2008.
- PENNACHIN, D. L. Signos Subversivos: das significações de graffiti e pixação. Metrôpoles contemporâneas como miríades sígnicas. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 26., 2003, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte: (UFMG) INTERCOM, 2003.
- PEREIRA, A. B. As marcas da cidade: a dinâmica da pixação em São Paulo. *Lua Nova: Revista de Cultura e Política*, n. 79, p. 143-162. 2005.
- SOARES, F. C. A. *Pixação dos jovens no Conjunto Taquaril*. 2010. 60 f. Monografia (Especialização em Administração Pública, Gestão Social) - Escola de Governo da Fundação João Pinheiro, Belo Horizonte, 2010.
- SOUZA, D. C. A. *Pixação carioca: etnografia e uma proposta de entendimento*. 2007. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Programa de pós-graduação em Sociologia e Antropologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.